

A ENTREVISTA NARRATIVA: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras

THE NARRATIVE INTERVIEW: device of production and analysis of data on paths of teachers

ENTREVISTA NARRATIVA: dispositivo de producción y análisis de datos sobre trayectorias de profesoras

Jónata Ferreira de Moura

Professor Assistente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/CCSST).
Estudante de Doutorado da Universidade São Francisco (USF).
São Luís-MA, Brasil.
jonatamoura@hotmail.com

Adair Mendes Nacarato

Professora Doutora da Universidade São Francisco (USF).
Bragança Paulista-SP, Brasil.
adamn@terra.com.br

RESUMO: Este artigo tem como foco a Entrevista Narrativa, idealizada por Fritz Schütze, um dispositivo de produção e análise de dados para pesquisas que, pela sua peculiaridade na geração de textos narrativos, tem aproximações com abordagens (auto) biográficas e busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e/ou semiestruturadas. A discussão parte de uma investigação que teve como foco a trajetória de formação inicial de seis professoras da Educação Infantil da rede pública de ensino de Imperatriz/MA. O texto apresenta, de forma analítica, o movimento entre a produção, a textualização e a análise da entrevista com três professoras.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista Narrativa. Análise de Narrativas. Professoras da Educação Infantil.

ABSTRACT: This article focuses on the narrative interview by Fritz Schütze. It is an device of data production and analysis for research that is similar to (auto)biographical approaches for its peculiarity in generating narrative texts that try to break with the rigidity imposed by structured and/or semi-structured interviews. The discussion stems from an investigation, conducted with six childhood education teachers from public schools in Imperatriz/MA, that had as its focus the initial development pathways of these teachers. The text presents, in an analytical way, the movement between production, textualization, and analysis of the interview with three teachers.

KEYWORDS: Narrative Interview. Narrative Analysis. Early Childhood Education Teachers.

RESUMEN: Este artículo se centra en la Entrevista Narrativa idealizada por Fritz Schütze. Se trata de un dispositivo de producción y análisis de datos para investigaciones que tienen proximidades con enfoques autobiográficos, por su peculiaridad de generar textos narrativos, y con el objetivo de interrumpir a rigidez impuesta por las entrevistas estructuradas y/o semiestruturadas. La discusión se hace a partir de una investigación realizada con seis profesoras de educación infantil de la enseñanza pública de la ciudad de Imperatriz/MA, que tuvo como enfoque la trayectoria de formación inicial de esas profesoras. De forma analítica el texto presenta el movimiento entre la producción, la textualización y el análisis de la entrevista con tres profesoras.

PALABRAS CLAVE: Entrevista Narrativa. Análisis de Narrativas. Profesoras de Educación Infantil.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco a apresentação e a análise de um dispositivo de produção e análise de dados de pesquisas: a Entrevista Narrativa (EN), idealizada por Fritz Schütze (2011). Esse dispositivo, busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e/ou semiestruturadas e permite identificar as estruturas sociais que moldam as experiências; tem sido utilizado por pesquisas em diferentes áreas do conhecimento e, em particular, por estudos que tomam as histórias de vida como foco de análise, pela sua dinâmica própria de geração de textos narrativos.

Desse modo, objetivamos discutir a dinâmica da EN, os modos de realização, a sua textualização e a proposta de Fritz Schütze (2011) para sua análise. Para tanto, nos sustentamos numa investigação realizada com seis professoras da Educação Infantil da rede pública de ensino de Imperatriz/MA, tendo como foco a trajetória de formação inicial dessas professoras. Para evidenciar o movimento de análise das entrevistas, trazemos excertos de três delas, realizadas com Graça, Marta e Kelly, cujos nomes são reais, visto ter sido essa a opção das entrevistadas.

2 | A ENTREVISTA NARRATIVA COMO DISPOSITIVO DE PRODUÇÃO DE DADOS DE PESQUISAS

Estabelecemos um diálogo com alguns autores do campo (auto) biográfico, principalmente aqueles que abordam a narrativa na perspectiva da experiência do narrador. A obra de Walter Benjamin tem sido tomada por nós como referência para narrativas. Para ele, as narrativas são formas artesanais de comunicação, utilizadas pelos seres humanos para contar histórias; por elas lembramo-nos de nossas experiências, encontrando possíveis explicações para elas (BENJAMIN, 1994). O foco está nas experiências humanas.

Narrar é também contar histórias e histórias sobre si mesmos. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2012, p. 91), “[...] contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.” No ato de contá-las, nos constituímos e damos sentidos às experiências vividas.

Para Bolívar, Domingo e Fernández (2001), não devemos conceber a narrativa a partir de um sentido trivial, que considera um texto em prosa como um conjunto de enunciados sequenciados, mas, sim, como um tipo muito especial de discurso: uma narração consistente, em que uma experiência humana é expressa em forma de relato, sendo uma particular reconstrução da experiência.

Por conta dessa particular reconstrução da experiência, aquela experiência que passa de pessoa a pessoa e que nutre os narradores, Benjamin (1994, p. 204) considera que a narrativa “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver [...]”. Mediante um processo reflexivo podemos dar significado ao acontecido ou ao vivido.

Entendendo que o ato de narrar é humano e, por isso, social, encontramos nos argumentos desses autores a sugestão do uso da narrativa como dispositivo de produção de dados em investigações cujo foco seja a trajetória de formação, como é o caso do estudo que subsidia este artigo. Utilizamos entrevistas narrativas para geração dos dados da pesquisa, visto que nelas o sujeito se expressa, trazendo em sua voz o tom de outras, pensando no contexto de seu grupo, gênero, etnia, classe social, momento histórico, social e cultural. Esse dispositivo de entrevista se constitui em uma maneira específica de produção de dados, proposta por Schütze (2011), por meio da reconstrução dos acontecimentos sociais, a partir da perspectiva dos sujeitos de uma investigação.

A EN é considerada mais profunda, pois vai além do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas. De acordo com Weller (2009, p. 05, grifo da autora),

[...] ao idealizar essa forma de entrevista também denominada de “narrativa improvisada”, (op. cit. 1987), Schütze parte do princípio que a narração está mais propensa a reproduzir em detalhes as estruturas que orientam as ações dos indivíduos [...] a entrevista narrativa não foi criada com o intuito de reconstruir a história de vida do informante em sua especificidade, mas de compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos portadores da biografia [...] essa técnica de geração de dados, busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências [...].

Idealizada por Fritz Schütze como um dispositivo para compreender os contextos em que as biografias foram construídas, os fatores que produzem mudanças e motivam às ações dos portadores da biografia, essa entrevista produz textos narrativos sobre as experiências das pessoas, expressando maneiras como os seres humanos vivem o mundo por meio de histórias pessoais, sociais e coletivas. Ela tem como objetivo incentivar a produção de uma narrativa pelo depoente.

Nesse tipo de entrevista, o foco não está na veracidade daquilo que é dito pelo narrador. Nosso interesse está no que foi lembrado pelas professoras entrevistadas, no que elas escolheram quando nos forneceram as entrevistas, como construção da história de vida de cada uma. Para Souza (2008, p. 89), “a entrevista narrativa, como uma das entradas do trabalho biográfico, inscreve-se na subjetividade e implica-se com as dimensões espaço-temporal dos sujeitos quando narram suas experiências, nos domínios da educação e da formação [...]”.

Outra característica da EN diz respeito a sua potencialidade de reconstruir a vivência pessoal e profissional do sujeito, mas não de qualquer jeito, e, sim, de maneira autorreflexiva. Ela delimita um espaço onde o narrador, ao selecionar características e elementos da sua existência e abordá-los através da perspectiva oral, “[...] organiza suas idéias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma auto-reflexiva como suporte para compreensão de sua itinerância vivida, caracterizando-se como excelente perspectiva de formação” (SOUZA, 2008, p. 91).

Entendemos, assim como Jovchelovitch e Bauer (2012), que o uso da EN para produção de dados é particularmente plausível nos projetos que:

- a) investigam acontecimentos específicos;
- b) possuem variadas “versões”;
- c) combinam histórias de vida e contextos sócio-históricos.

A pesquisa que alicerça este texto investiga trajetórias, ou seja, narrativas de vida e contextos sócio-históricos que deixaram suas marcas na educação infantil de Imperatriz/MA.

Com as narrativas de vida dos sujeitos entrevistados, pretendeu-se identificar estruturas de processos pessoais e sociais de ação e sofrimento, além de possíveis recursos de enfrentamento e mudança. Ademais, tentamos visualizar isso em um panorama mais amplo, em que outras vozes possam se encontrar, outros personagens possam se reconhecer. Assim, corroborando os princípios de estudos do método (auto) biográfico, tentamos elucidar semelhanças e singularidades de um grupo mais amplo, o de professores da Educação Infantil da rede municipal de Imperatriz-MA.

Sabendo que a EN possui uma particularidade quanto à técnica da entrevista semiestruturada e/ou estruturada, Schütze (2011) e Jovchelovitch e Bauer (2012) consideram como fundamental o momento de preparação, pois nele o pesquisador deve conhecer o ambiente de pesquisa, seu funcionamento, suas configurações, as pessoas que fazem parte dele, o local de onde elas vêm, etc. Para tanto, é necessária uma empreitada demorada, que exige investigações preliminares.

Nesse momento, formula-se a questão central, também chamada por Schütze (2011) de questão de narrativa orientada autobiograficamente. Para este artigo, tomamos como norte a questão que direcionou a pesquisa – “Quais percepções professoras que ensinam matemática na Educação Infantil da rede pública municipal de Imperatriz-MA têm sobre a formação que receberam e sobre suas práticas, ao ensinar a Linguagem Matemática?”

Jovchelovitch e Bauer (2012) afirmam que a questão central deve fazer parte da experiência do entrevistado e possuir relevância social, pessoal ou comunitária; ser ampla, para permitir ao narrador desenvolver uma história longa, com situações iniciais, e percorrer o passado até chegar à atual circunstância; e evitar formulações indexadas, as quais se caracterizam como perguntas sobre quem faz o que, quando, onde e o motivo.

Defendemos, ainda, a necessidade de uma aproximação maior do pesquisador com o objeto de investigação e com os sujeitos pesquisados, para conhecer o contexto em que as práticas acontecem. Portanto, considerando que o primeiro autor deste texto foi professor da educação infantil no contexto investigado e trazia como inquietude a matemática que se ensina (ou não) nessa faixa etária, optamos por este foco de investigação, pois as narrativas das professoras poderiam se entrecruzar com as suas: todos falam a partir de um mesmo contexto.

Foram realizadas duas rodadas de entrevistas com as professoras participantes da pesquisa: em julho e agosto de 2013; e em março e abril de 2014. As seis primeiras entrevistas foram transcritas e apresentadas a cada uma das entrevistadas para leitura e aprovação. As respostas ocorreram de forma presencial. Segundo as professoras, a leitura da própria narrativa – realizada sozinha ou acompanhada por mãe, filho ou namorado – foi importante, pois gerou emoções diversas e reflexões ainda não pensadas.

Ficaram perceptíveis, durante a narrativa, as características do esquema autogerador explicado por Jovchelovitch e Bauer (2012). Elas se revelaram quando as entrevistadas forneceram detalhes minuciosos sobre os acontecimentos, citando “tempo, lugar, motivos, pontos de orientação, planos, estratégias e habilidades” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012, p. 94).

Entretanto, para enxergar esses aspectos com maior cuidado, tivemos um árduo trabalho: antes de iniciar as entrevistas, a tarefa foi conferir os materiais auxiliares (gravadores, caderno de anotações, caneta, lápis) que usaríamos durante sua concretização. No momento da conversa, pedíamos permissão às professoras para gravar suas narrativas e esclarecíamos a elas o procedimento que nortearia todo o processo – a narração sem interrupções, a fase dos questionamentos e a conclusão. Essa ação foi importante para evitar interrupções durante a narrativa e para garantir às professoras que elas teriam todo o tempo para dizer o que quisessem sobre o tema pesquisado e não seriam interrompidas. Por isso, também conferimos se o local seria adequado para a realização da entrevista (uma sala reservada, sem barulhos e sem risco de sermos interrompidos por outras pessoas).

Feitos esses esclarecimentos para as professoras e não havendo nenhuma dúvida, partimos para a fase da narração central. Nesse momento, segundo Jovchelovitch e Bauer (2012), o entrevistador deve ter muita cautela para não colocar tudo a perder: tomar nota ininterruptamente e expressar desinteresse, repúdio ou descrédito são atitudes que não cabem em uma EN. Por esse motivo, entendemos que o entrevistador não pode encarar a narração com (pré) conceitos, tampouco, durante a conversa, fazer análise do que escuta.

A dinâmica, nessa etapa da entrevista, é deixar os entrevistados contarem suas histórias. O pesquisador precisa mostrar-se atento, interessado por elas; expor interesse não verbal ou paralinguístico; formular as perguntas iminentes¹ para, quando o entrevistado fizer a “coda narrativa”,

¹ São questões que se referem a temas que os narradores comentaram, mas nos quais não se aprofundaram e cujo interesse reside no fato de possuírem relação com a pesquisa.

como chama Schütze (2011), aproveitar e dar continuidade à narrativa.

O interesse não verbal pode ser evidenciado com movimentos de cabeça e/ou estímulo paralinguístico, falando “hmm”, “sei”, “ahmm”. No momento em que os entrevistados dizem “é isso”, “foi assim que tudo aconteceu”, “e foi assim”, “pois é...”, “que mais quer saber”, ou fazem uma pausa longa, ou seja, quando dão a coda narrativa, o entrevistador entra com as perguntas imanentes. Esse é o momento em que a escuta atenta do entrevistador produz seus frutos. Esse ato revela claramente se o pesquisador estava ou não atento ao texto oral narrado, e, em consequência, o entrevistador pode dar incentivo ao narrador, estimulá-lo à continuidade ou perdê-lo. Para Schütze (2011), é importante que as questões imanentes sejam efetivamente narrativas. Para essa fase de questionamentos, Jovchelovitch e Bauer (2012) fazem três sugestões:

- a) não fazer perguntas que expressem juízo de valor e, sim, que esclareçam melhor o acontecimento;
- b) traduzir questões exmanentes² em imanentes, o que exige atenção e cautela por parte do entrevistador;
- c) não discutir sobre contradições, ou seja, evitar um clima de investigação.

Feito tudo isso e realizadas todas as questões exmanentes que, porventura, ainda sejam importantes, desliga-se o gravador e o entrevistador conclui a entrevista. Agora, perguntas do tipo “por quê?”, são importantes para o pesquisador ter condições de construir melhor sua análise. Para Jovchelovitch e Bauer (2012, p. 100), “é aconselhável ter um diário de campo, ou um formulário especial para sintetizar os conteúdos dos comentários informais em um protocolo de memória, imediatamente depois da entrevista [...]”.

As perguntas subsequentes do pesquisador-entrevistador deveriam iniciar com um incentivo ao potencial de descrições e teorizações, desde que este se torne evidente nos fragmentos autobiográficos comentados, na descrição de acontecimentos centrais ou na conclusão da apresentação de determinada fase da vida, assim como nos fragmentos que esclarecem questões de fundo situacional, habitual e socioestrutural. (SCHÜTZE, 2011, p. 212).

Acreditamos que nessa fase final da EN, há uma tentativa de ganhar mais confiança do entrevistado ou de ouvir possíveis revelações que durante a narração foram suprimidas e/ou esquecidas por ele. A dinâmica é estimular o narrador a descrever e teorizar fragmentos autobiográficos e pontos que esclareçam alguns elementos de fundo situacional, habitual e/ou socioestrutural. E, claro, posteriormente, o narrador terá total acesso ao material transcrito e textualizado, para sua aprovação ou para supressão de falas que julgar inapropriadas para publicação. Assim, a EN exige do pesquisador uma postura ética que vai além dos aspectos formais dos comitês de ética na pesquisa. Nada pode ser analisado e publicado sem o conhecimento e a concordância do entrevistado.

Enfatizamos que o acesso ao registro textualizado das entrevistas narrativas é de suma importância para os narradores, visto que a autorização do que foi narrado só pode ser dada por quem narrou. O entrevistador tem o dever ético de transcrever tudo o que foi contado, inclusive o que foi narrado com o gravador desligado e anotado no diário de pesquisa. O narrador, se quiser, aprova, reprovava a textualização ou suprime partes dela. Assim se passou com a pesquisa que sustenta este artigo.

Como nos alertam Schütze (2011) e Jovchelovitch e Bauer (2012), é preciso cautela por parte dos pesquisadores, pois atropelos podem acontecer durante a produção das narrativas. Para evitar

² São questões elaboradas pelo pesquisador antecipadamente, que dizem respeito a temas específicos da pesquisa.

equivocos e para garantir que as entrevistas venham a ter um caráter inteiramente narrativo, alguns cuidados são indicados: evitar a ansiedade por parte do entrevistador; incentivar a narrativa, mas sem pressionar o narrador; não fazer todas as entrevistas de uma só vez, pois é indicado voltar à teoria e ouvir a gravação, pelo menos das primeiras entrevistas e visualizar fragilidades, como a pressa do entrevistador e sua voz excessiva na gravação. Quando isso ocorre, o pesquisador entende que, nas conversas seguintes, é fundamental esperar o tempo do narrador, percebendo que sua respiração ou seu silêncio podem indicar algo ou mostrar aquilo que, com palavras, não havia como expressar. Os silêncios também são importantes nessa modalidade de entrevista.

Fazer esse exercício da escuta de algumas entrevistas para depois realizar outras nos faz enxergar a função analítica da narrativa, descrita por Bertaux (2010). A escuta é mais afinada quando, depois de ouvir as primeiras entrevistas, retorna-se à teoria e, em seguida, volta-se a campo para realizar as outras. Entendemos o processo de produção de dados também como um exercício que pode levar à formação do pesquisador, pois, para Bertaux (2010, p. 68), “escutando a si mesmo novamente, o pesquisador tomará consciência de seus erros [...]”.

Feitas as entrevistas, realiza-se a textualização, ou seja, a transcrição com a limpeza das marcas de oralidade, buscando construir uma narrativa em que as transações e os percursos vividos pelos narradores fiquem evidenciados. Se houver informações incompletas e/ou ausentes, que dariam sentido à construção das trajetórias pessoais e profissionais dos narradores, aconselha-se que, no momento da devolutiva das textualizações aos entrevistados, seja solicitado que complementem as informações via acréscimos próprios e/ou que se marque outra rodada de entrevistas, para que o pesquisador possa saber mais sobre alguns eventos que os sujeitos possam ter experienciado e se esqueceram de narrar no primeiro encontro. Além disso, terminada uma entrevista desse tipo, é comum que o sujeito, após a saída do pesquisador, continue lembrando os acontecimentos da vida e queira compartilhá-los num próximo encontro.

Segundo Bolívar, Domingo e Fernández (2001), entre uma rodada de entrevista e outra, o pesquisador tem o papel de observar o que ainda não foi esclarecido e eleger temas que precisam ser abordados ou aprofundados. Os autores chamam essa fase de interanálises.

Reiteramos que os sentimentos, as impressões e os momentos de reflexões precisam ser registrados no diário de pesquisa, instrumento que, segundo Hess (2009), se inscreve dentro do movimento (auto) biográfico. Tal material auxilia o pesquisador a rever hipóteses, a estabelecer um diálogo com a teoria e consigo mesmo e a anotar novas dúvidas que, porventura, surjam durante a investigação. Para Hess (2009, p. 79, grifo do autor), “a escrita do diário de pesquisa permite coletar de vez em quando o vivido do dia a dia, ‘instantes’ que se vivem e que nos parecem trazer neles uma parte de significados [...]” Entendemos como fundamental a assertiva de Hess (2009) para o processo de análise de entrevistas narrativas. O material produzido no diário de pesquisa pode complementar as narrativas produzidas pelos sujeitos de uma pesquisa e/ou ser associado a elas.

O processo de produção de dados pelas entrevistas narrativas e sua análise nos fizeram entender que é essencial começar a análise logo no início da pesquisa de campo, o que é possibilitado pelo diário de pesquisa. “É também por isso que o pesquisador deve prestar a máxima atenção a tudo que o surpreenda, que o incomode, até mesmo ao que o choque: essas reações espontâneas constituem sinais de que o real não corresponde àquilo que ele imagina [...]” (BERTAUX, 2010, p. 69).

Descrevemos, a seguir, o processo de análise das entrevistas narrativas, a partir da proposta de Schütze (2011).

3 | O PROCESSO DE ANÁLISE DE ENTREVISTAS NARRATIVAS

Realizamos a análise das Entrevistas Narrativas concedidas por seis professoras da Educação Infantil da rede pública de Imperatriz/MA conforme a proposta de Schütze (2011), que sugere as seguintes etapas: identificar os elementos indexados e os não indexados; realizar a análise formal do texto; fazer a descrição estrutural do conteúdo e a abstração analítica; realizar a análise do conhecimento; e por último, fazer a comparação contrastiva (comparação mínima e máxima) e, assim, construir os eixos de análise ou, “modelo” teórico.

Obtida a autorização pelas narradoras para o uso de suas histórias de vida, iniciamos as etapas da análise das entrevistas narrativas propostas por Schütze (2011, p. 213, grifo do autor):

[...] somente dados textuais que apresentam o processo social de forma contínua, ou melhor, que o trazem à tona, permitem uma análise “sintomática” dos dados, que inicia com uma apresentação textual dos dados e uma descrição completa da sequência dos mesmos. Mas justamente essa dimensão de uma análise completa dos dados só pode ser realizada tomando-se como referência os indicadores formais da estrutura textual. Os principais indicadores formais no texto narrativo são os elementos marcadores que indicam a finalização de uma unidade de apresentação e que daí em diante começa a seguinte [...].

Schütze (2011) assevera que em uma narrativa há elementos indexados e não indexados, que devem ser diferenciados para que se possa realizar sua análise. Ele chama todas as referências concretas dentro da narrativa – Quem fez? O quê? Quando? Onde? Por quê? – de elementos indexados. Já aquelas que expressam valores, juízos e toda uma forma generalizada de “sabedoria de vida” são denominadas de elementos não indexados.

Após a devolutiva das professoras, realizamos a separação desses elementos e os organizamos em um quadro. Com isso, compreendemos melhor que uma narrativa passa não apenas pelo entendimento da sequência cronológica dos acontecimentos apresentados pelo narrador, mas também por sua função não cronológica, expressa pelas funções e pelos sentidos do enredo. Com base nos elementos indexados, pudemos ordenar a trajetória de cada professora; e, fundamentado nos elementos não indexados, analisamos o autoentendimento das entrevistadas (SCHÜTZE, 1977, 1983 apud JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012).

Apresentaremos alguns elementos da textualização da professora Graça para exemplificar essa etapa da análise. Na coluna da esquerda, indicamos os elementos indexados, destacando aquilo que nos permite identificar o perfil da docente. Na da direita, apontamos os elementos não indexados, ou seja, o entendimento que ela tem de si mesma e como ela se vê.

3.1 Textualização da professora Graça

Dados da entrevista:

A primeira entrevista com a professora Graça foi realizada no dia 8 de agosto de 2013, no período matutino, na sala de aula da pré-escola. Foi audiogravada e teve duração de 28 minutos e 52 segundos.

No período da entrevista, Graça passava por um momento muito difícil, em que seu filho descobriu que estava com câncer. Ela estava muito abalada com a situação, pois não entendia por que ele – que é muito inteligente, professor de matemática no Instituto Federal do Tocantins e mestrando em matemática pela Universidade Federal do Maranhão – estava com essa doença. O tratamento teria que ser na cidade de São Paulo (Diário de Pesquisa, 08 ago. 2013).

A primeira textualização foi entregue a Graça, pessoalmente, pelo pesquisador no dia 20 de fevereiro de 2014 e foi aprovada com apenas um acréscimo, feito também pessoalmente, no dia 28 de fevereiro de 2014 pela entrevistada, com sua autorização verbal para utilização do texto (Diário de Pesquisa, 28 fev. 2014). A segunda entrevista ocorreu no dia 21 de março de 2014.

Quadro 1 – Dados das duas rodadas da Entrevista Narrativa

Elementos indexados	Elementos não indexados
Quem fez, O quê, Quando, Onde, Por quê?	Valores, Juízos
<p>Graça nasceu em Tocantinópolis/GO, atualmente município do estado do Tocantins, onde brincou quando era criança. Foi alfabetizada em casa por sua mãe. Foi para Imperatriz com nove anos de idade, porque seu pai adoeceu e precisava de tratamento. Em Imperatriz, sua primeira escola foi “Governador Archer”, na qual ingressou na 1ª série em 1967, e sua primeira professora foi Lurdinha. Depois, fez o exame de admissão para o ginásio na escola Santa Terezinha, que cursou até o magistério, o qual concluiu em 1978. Antes de terminar o magistério já havia casado com um soldado do exército, e tiveram dois filhos. Ao contrário do que ocorreu em sua criação, precisou manter seus filhos quase presos, porque morava em casa de aluguel, sem quintal para eles correrem e brincarem. Fez quarto ano adicional no Projeto Crescer, especializado na pré-escola. Seu primeiro emprego foi como professora de uma escola privada em 1984. [...]</p>	<p>Para Graça, as crianças de hoje não brincam como antes, seus filhos são exemplo disso. Seu sonho, quando criança, era ir para a escola e, quando foi, ficou muito feliz. Era de uma família pobre, mas nobre. Realizou o sonho de sua mãe: ter uma filha professora. Vê-se como uma pessoa que nunca aprendeu matemática. Ela não sabe o motivo de não gostar de matemática, mas “acha” que é porque é difícil mesmo. Para ela, matemática era uma disciplina com a qual nunca teve afinidade, durante toda sua vida estudantil, inclusive na faculdade. A escola onde cursou o magistério (Santa Terezinha) era cheia de normas. Era colégio de freira; por isso, ninguém vestia roupa de alça. Até hoje ela não consegue usar uma vestimenta desse tipo para sair de casa, porque pensa estar nua. Quando cursava Pedagogia teve muitos problemas com o marido. Ela não sabe dizer se por ciúmes ou outro fator, mas as pressões e as coisas que aconteciam quando ela chegava em casa quase a fizeram desistir do curso. Vê-se desvalorizada pelo município por ser professora de pré-escola, pois, desde o término do curso de Pedagogia, em 2008, nunca teve aprovada sua mudança de nível. E ela não quer se aposentar com o salário que tem. Graça adora trabalhar na pré-escola Juracy A. Conceição, mas vê muitos problemas na profissão. Para ela, é muito difícil trabalhar com uma turma de 20 alunos sem auxiliar, ainda mais quando há crianças especiais, como na sua classe. Avalia sua profissão como desvalorizada. Vê-se como dona de casa dedicada, esposa, avó e professora comprometida. [...]</p>

Fonte: Arquivos da pesquisa (2014).

Em seguida, fizemos a análise formal do texto. Tentamos identificar os distintos tipos de textos – as passagens estritamente narrativas, as explicativas e também as argumentativas – e os principais elementos marcadores de finalização e inicialização de um novo tópico ao longo da entrevista. Para isso foram usadas cores para diferenciar e facilitar a visualização. Neste artigo, a impossibilidade de trabalhar com cores, usamos tipos diferentes de letras para esses marcadores, conforme registrado no quadro 2. Usamos a letra Tahoma para as passagens narrativas, a

letra *Segoe Print* para as argumentativas e *Bradley Hand* para as explicativas, como exemplificamos com um trecho da entrevista da professora Marta:

Quadro 2 – Análise formal da Entrevista Narrativa

Textualização da entrevista de Marta		
Legenda:		
Esquema comunicativo narrativo.	<i>Esquema comunicativo argumentativo</i>	Esquema comunicativo explicativo.
<p><i>Sou do interior de Sítio Novo do Maranhão. Um lugar chamado Fazenda Grande. Tenho boas lembranças de lá. Ah! Se eu pudesse voltar e ficar por lá, mas a gente tem que estudar. Já somos alguém, mas temos que procurar ser mais ainda. Então, minha família achou melhor que a gente viesse morar na cidade [Imperatriz] pra ter um estudo, assim tivemos que vir morar nas casas alheias pra poder estudar. Graças a Deus, até agora, está dando tudo certo. Na minha família eram quatro pessoas: duas mulheres e dois homens; e o pai e a mãe. Minha infância foi vivida na roça, estudei um bom tempo onde eu morava. Minha infância foi boa. Eu brincava, me banhava em rio, brincava com as brincadeiras que hoje as pessoas não brincam mais. As famílias hoje não fazem mais isso com as crianças. Eram brincadeiras do esconde-esconde, do tuntun, do passa o anel, de pular corda, do elástico... Então, minha infância foi boa, graças a Deus. A gente tinha aquele trabalhozinho normal mesmo, mas a gente sempre tinha aquele tempo de brincar. Olha... Eu lembro bem de brincadeiras que hoje as pessoas não brincam mais e, se eu pudesse voltar atrás, eu estaria lá onde eu morava antigamente, não teria vindo pra cá [Imperatriz. Fala saudosamente do lugar onde morava]. Porque era nos rios... Tinha muitos rios, cacimbas (não sei se as pessoas hoje conhecem o que é cacimba. Era um poço, tipo açude, que era conhecido como cacimba). A gente brincava bastante, principalmente quando os rios estavam meio cheios, a gente brincava, pescava. Eu me lembro da minha infância, pra mim foi uma infância ótima [...].</i></p>		

Fonte: Arquivos da pesquisa (2013).

Depois fizemos a descrição estrutural do conteúdo, analisando cada segmento da narração central. Segundo Weller (2009, p. 07), esse exercício tem “o intuito de verificar a função destes [elementos estruturais] para a narrativa como um todo (Gesamterzählung) e de identificar aqueles que têm apenas uma relevância local ou que estão relacionados somente com algumas partes da entrevista.” Valendo-nos de Schütze (2011, p. 213, grifo do autor), entendemos que

[...] nesse momento da interpretação, também são empregados indicadores formais internos, tais como elementos de ligação entre as apresentações de eventos específicos (“então”, “para”, “porque”, “todavia”, e assim por diante); marcadores do fluxo temporal (“ainda”, “já”, “já naquele tempo”, “de repente”, e assim por diante) ou ainda marcadores relativos à falta de plausibilidade e necessidade de detalhamento adicional (pausas demoradas, diminuição repentina do nível da atividade narrativa, autocorreção com encaixes associados à apresentação de explicações de fundo) [...].

O foco central dessa etapa da análise é a identificação das diferentes estruturas processuais no curso da vida, como: “etapas da vida arraigadas institucionalmente; situações culminantes; entrelaçamento de eventos sofridos; pontos dramáticos de transformação ou mudanças graduais; assim como desenvolvimentos de ações biográficas planejadas e realizadas” (SCHÜTZE, 2011, p. 213-214). Além do que está sendo narrado, deve-se ainda averiguar como a narrativa está sendo construída. Por isso o diário de pesquisa é importante para complementar as análises, haja vista que muitas sensações, sentimentos, incômodos e gestos – como já afirmamos – fazem parte da construção da narrativa, mas não são perceptíveis em sua leitura, e são apenas percebidos pelo pesquisador no momento da narração.

Há de se esclarecer que nem sempre todas essas estruturas processuais no curso da vida das entrevistadas aparecem em suas narrativas, e tampouco é necessário que todas as estruturas aqui descritas apareçam. A ideia é identificar as que se revelam no texto da entrevista para realizar a etapa final da análise.

Prosseguindo com a análise, fizemos a abstração analítica, nomeada assim por Schütze (2011). Para ele, o pesquisador deve se distanciar dos detalhes observados e analisados e passar a verificar “as expressões estruturais abstratas de cada período da vida”, colocando-as “em relação sistemática umas com as outras” (SCHÜTZE, 2011, p. 214). O objetivo dessa etapa é reconstruir “a biografia como um todo [...] desde a sequência biográfica das estruturas processuais que dominaram a experiência em cada ciclo da vida até a estrutura processual dominante na atualidade” (SCHÜTZE, 2011, p. 214). Weller (2009, p. 08), amparada em Riemann, sugere ainda, durante esse processo, “uma distinção entre os aspectos que são específicos da biografia do entrevistado e aqueles que podem ser generalizados, ou seja, que podem ser encontrados em outras biografias.”

Após essa elaboração, dedicamo-nos à análise do conhecimento revelado tanto nas passagens narrativas, nas fases iniciais da entrevista, quanto na etapa conclusiva da EN. Ou seja, voltamo-nos para as teorias explicativas construídas por cada uma das entrevistadas sobre suas identidades, suas histórias de vida, acontecimentos ou escolhas.

Para essa tarefa, foi importante identificar os diferentes tipos de textos, como fizemos no quadro 2. Selecionar as passagens estritamente narrativas, explicativas e argumentativas ajuda a realizar a análise do conhecimento, pois, olhando para elas, conseguimos, com menos dificuldades, identificar as avaliações realizadas pelos narradores sobre suas identidades.

Também são fundamentais as perguntas apresentadas ao final da entrevista, para esclarecer questões e/ou juízos de valores emitidos na narrativa. Reiteramos que, para o pesquisador construir melhor sua análise, é aconselhável ter um diário de pesquisa ou um formulário que o ajude a sintetizar os conteúdos dos comentários informais imediatamente depois da entrevista. Sugerimos que esses comentários também sejam gravados, pois, caso o entrevistador não consiga memorizar todos os dados, ele poderá retornar a eles, para solicitar esses esclarecimentos aos entrevistados, como aconteceu nesta pesquisa. Se o pesquisador preferir gravar os comentários finais, emitidos após o encerramento da entrevista, é preciso esclarecer o fato para o narrador e solicitar sua autorização.

Ainda sobre a análise do conhecimento, Schütze (2011, p. 214) revela:

[...] esse processo requer ainda uma interpretação sistemática das funções de orientação, assimilação, interpretação, autodefinição, legitimação, ofuscamento e repressão do portador da biografia. Sem conhecer o quadro biográfico dos acontecimentos e das experiências para a produção teórica do conhecimento pelo próprio portador da biografia, é impossível determinar a importância da produção de teorias biográficas para o curso da vida.

Ressaltamos que a análise do conhecimento pelo produtor da biografia é sempre realizada a partir da perspectiva atual e não pretérita. Tendo isso em mente, Weller (2009 apud SCHÜTZE, 1987), indica alguns elementos não indexados: teorias sobre o “eu” ou autodescrição biográfica; teorias explicativas; avaliação da trajetória biográfica ou teoria sobre a biografia; explicações ou construções de fundo; projetos biográficos, modelos ou teorias que orientam a ação; descrições abstratas; avaliações gerais e teorias comentadas. Com o quadro 1, construído logo após a textualização, pudemos realizar essa parte da análise com menos dificuldades.

Compreendemos essa etapa como uma das mais difíceis de elaborar, visto que alguns elementos não indexados possuem características semelhantes. Entretanto, o que conduzirá toda a análise é a interpretação do pesquisador, por isso enxergamos como fundamental o diálogo constante com a teoria, além das (re) visitas às narrativas.

Para a realização das etapas até aqui descritas – descrição estrutural do conteúdo, abstração analítica e análise do conhecimento –, desenvolvemos o esquema de anotações nas bordas das narrativas. Isso nos ajudou a avançar na análise; refazê-la; e verificar, em uma terceira e/ou quarta leitura, que era preciso voltar à teoria para distinguir alguns elementos não percebidos durante a primeira e/ou a segunda leitura. A título de visualização didática, expomos como exemplo um trecho da narrativa da professora Kelly:

3.2 Análise da entrevista textualizada da professora Kelly

Dados da entrevista:

A primeira entrevista foi realizada no dia 9 de julho de 2013, no período vespertino, na sala de aula da pré-escola. Foi audiogravada e durou 35 minutos e 47 segundos. Kelly é casada e mãe de um filho. Atualmente mora em um povoado da cidade de Governador Edson Lobão, distante 17 quilômetros de Imperatriz. Durante a entrevista se mostrou interessada pela pesquisa de que participava, mas alertava ao pesquisador que era uma professora, segundo ela, inexperiente, pois só tinha dois anos de docência e no ano de 2013 fazia sua primeira experiência na pré-escola. Ela estava bem tranquila e atenta às perguntas. Segundo Kelly, esse tipo de entrevista parece uma terapia, pois lhe permitiu ir ao passado e percorrê-lo até os dias atuais (Diário de Pesquisa, 9 jul. 2013).

A primeira textualização foi entregue a Kelly, pessoalmente, pelo pesquisador no dia 20 de fevereiro de 2014, aprovada sem acréscimos e entregue ao pesquisador, também pessoalmente, no dia 24 de fevereiro de 2014, pela entrevistada, com sua autorização verbal para a utilização do texto (Diário de Pesquisa, 28 fev. 2014). A segunda entrevista foi realizada no dia 27 de fevereiro de 2014.

No trecho da entrevista textualizada a seguir, usamos algumas legendas para destacar os aspectos que ela contém. Todos os elementos de ligação entre apresentações de eventos específicos foram realçados com a letra Britannic Bold; os sinais de fluxo temporal, com High Tower Text; as marcas (DOMINICÉ, 2010) ou incidentes críticos (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001), com Verdana. Com um contorno, destacamos sentimentos que ainda se mostravam permanentes na biografia da entrevistada. Esclarecemos que nessa narrativa não identificamos marcadores relativos à falta de plausibilidade.

Minha vida de criança foi aqui em Imperatriz. Sempre morei no centro da cidade, na Rua Delta, próximo à Associação Médica.

Não vou mentir não, eu brinquei muito pouco, muito pouco mesmo. Eu tinha os amigos reduzidos também. Porque, como morava no centro da cidade, era sempre presa. Eu ia pra escola, voltava da escola pra casa... E sempre com poucos amigos. Brincava numa parte da rua... Sempre brinquei muito pouco. Eu andava de bicicleta, brincava de manchete, do queima. Tudo isso eu brinquei, mas muito pouco. Depois foi só estudar.

E minha relação com meus pais era normal. Eu obedecia, respeitava; eles sempre fizeram tudo por mim. Era normal.

Minha família mudava muito de casa, porque morávamos de aluguel. Moramos na Rua Bom Jesus, depois na Rua



Teoria
Explicativa

Aspecto
Específico

Sousa Lima, só depois fomos pra Rua Delta, porque já era endereço fixo. Isso com 11 anos de idade e fiquei na Rua Delta, dos 11 aos 17 anos de idade.

Não tenho muita lembrança de minha infância. Acredita? Porque... Era só minha família e eu!

Só meu pai, minha mãe, eu e meu irmão menor. Minha relação com meu irmão mais novo era muito boa [fala com nostalgia], brincávamos de boneca, de restaurante; isso quando ele era pequeno, depois que cresceu ele não quis mais saber dessas brincadeiras, não [nítida marca de gênero]. Por isso a gente foi se afastando, porque ele tem uns interesses e eu tenho outros. Na adolescência, a gente seguiu caminhos diferentes, mas, hoje, a gente se comunica bem.

Minha primeira escola foi a Escola Santa Terezinha [escola privada tradicional da cidade, gerida por freiras da ordem das terezianas], tinha Jardim I, II, depois ia pra Alfabetização. Eu entrei lá com quatro anos de idade no Jardim I e fiquei até a 1ª série [atual 2º ano do Ensino Fundamental]. Lembro bem dela e do nome de minha primeira professora, que era Noelha.

Eu era muito retraída. Ainda hoje sou retraída. Eu era tímida, se eu tivesse um problema, eu escondia.

Construções
de fundo

Lembro-me bem, como naquele tempo a escola era tradicional, as professoras faziam um modelo de arte e fixavam na parede, a gente tinha que seguir aquele modelo de arte fixado na parede. Uma vez eu estava fazendo e borrei, então fiquei com vergonha e medo de mostrar pra professora, por isso, eu amassei e escondi quando a professora perguntou “cadê a tarefa?”.

Eu sempre fui assim retraída, não conseguia me comunicar direito, isso era desde criança. Eu tenho essas lembranças...

Etapa da vida
arraigada
institucionalmente

Quando chegava perto da prova oral, eu pedia pra ir ao banheiro [risos], fugia da prova, porque tinha vergonha de falar em público. Eu era retraída mesmo! Voltei pra escola Santa Terezinha em 1994 (ano em que o Ayrton Senna morreu. Lembro-me do detalhe assim: um puxando o outro) e estudei da 4ª até a 6ª série [do 5º ao 7º anos do Ensino Fundamental].

Houve um fato, que até hoje, quando vejo essa professora, eu fico chateada com ela. Como eu fui pra Escola São José de Ribamar, e lá o ensino é fraco, comparado com a escola Santa Terezinha [ênfatisa], voltando para o Santa Terezinha, eu já estava atrasada, principalmente na matemática, porque lá sempre foi avançada a matemática, e o livro era complexo.

Aspecto
que pode ser
generalizado

Teoria
sobre o eu

Teoria
sobre o eu

Situação
Culminante

Lembro-me que a professora corrigia as provas sempre no quadro negro, só que nesse dia ela não quis escrever no quadro, ela queria corrigir oralmente, só que, quando ela fazia assim, eu me perdia, eu não sabia pra onde ir, o que fazer... Os que já sabiam falavam pra ela continuar, falar sem escrever mesmo. Então, ela continuava. Eu, perdida, olhava pro lado, pro outro... Ela olhou pra mim e apontou, dizendo pra classe: "olha lá, olha lá... Vou escrever no quadro mesmo, aquela lá está perdida!". Isso me marcou. Hoje ela é advogada. É a doutora Alice Leite. *Naquele tempo*, ela já era advogada e professora. Depois, ela abandonou a carreira de professora e ficou só advogando. *Até hoje*, fico chateada quando a vejo [...].

Lembranças
do tempo
de escola

Experiência
central que
molda
biografia

Todas as etapas anteriores, desde a separação dos elementos indexados e dos não indexados até à análise do conhecimento, foram realizadas nas seis entrevistas narrativas, fruto das duas rodadas de entrevistas concedidas pelas professoras. Só depois partimos para a quinta fase da análise. O objetivo foi desligarmo-nos dos casos individuais e passar a desenvolver uma comparação contrastiva de diferentes textos de narrativas. A escolha dos textos distintos depende dos interesses de pesquisa, e o nosso foi a trajetória de formação docente da educação infantil. O objeto da análise comparativa pode ser constituído tanto de fenômenos relativamente concretos quanto de abstratos.

Segundo Schütze (2011), a ideia é verificar, a partir de "contrastes mínimos" e "máximos", a significação geral dos conhecimentos resultantes dos estudos de caso singulares. A estratégia de comparação mínima entre entrevistas permite um grau maior de abstração nas análises da primeira entrevista, à medida que o intérprete deixa de tratar o caso como individual e passa a analisar as condições estruturais que estão por trás da particularidade do caso.

Para a estratégia de comparação máxima, o pesquisador seleciona textos de entrevista que apresentam diferença mais acentuada em relação à primeira delas, ou seja, textos que, embora contrastem com o primeiro caso analisado, apresentam elementos que possibilitem a comparação. Para Schütze (2011, p. 215),

[...] a comparação teórica máxima de textos de entrevista tem a função de confrontar as categorias teóricas empregadas no discurso com categorias opostas e assim destacar estruturas alternativas dos processos biográficos sociais em sua eficácia biográfica diferenciada e desenvolver possíveis categorias elementares que, mesmo nos processos alternativos confrontados uns com os outros, ainda são comuns entre si.

Para visualizar essa quinta etapa da análise, construímos o quadro 3 com as semelhanças (BRUNER; WEISSER, 1995) e núcleo comum (BERTAUX, 2010) e as singularidades de cada narrativa. A partir desses elementos – o que é singular e o que é plural – das entrevistas narrativas, pudemos construir um modelo teórico sobre a trajetória biográfica das professoras entrevistadas que atuam na educação infantil da rede municipal de Imperatriz-MA. Esclarecemos ainda que essa etapa da análise foi realizada depois que as entrevistas construídas durante as duas rodadas foram textualizadas, devolvidas para as professoras e retornadas a nós, porque, assim, pudemos ter um olhar analítico do percurso biográfico das professoras.

O quadro 3 foi elaborado a partir dos esquemas de anotações, como apresentado na entrevista de Kelly. Na coluna do meio estão as semelhanças encontradas nas narrativas das professoras, listadas pelas letras maiúsculas:

- A) concepção idealizada ou romântica sobre a infância;
- B) cultura escolar tradicional quando era estudante;
- C) marcas positivas da matemática escolar;
- D) marcas negativas da matemática escolar;
- E) ausência da matemática escolar na Educação Infantil quando era estudante;
- F) marcas familiares na escolha do magistério;
- G) marcas da matemática escolar na escolha do magistério;
- H) concepção romântica sobre o ensino de matemática na Educação Infantil;
- I) visão da profissão docente como vocação;
- J) momentos de reflexões causados pela leitura de sua narrativa.

Na coluna da esquerda, encontram-se os nomes das professoras e na outra extremidade, suas particularidades.

Quadro 3 – Semelhanças e singularidades das Entrevistas Narrativas

Professoras	Semelhanças/Núcleo comum										Singularidades
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
Bia											
Elizangela											
Graça											
Kelly											
Marta											
Terezinha											

Fonte: Arquivos da pesquisa (2014).

Na última etapa da análise, procuramos construir, a partir das narrativas orais sintetizadas no quadro 3, um modelo teórico acerca da trajetória biográfica das professoras da educação infantil que nos concederam as entrevistas. Schütze (2011, p. 215) afirma:

[...] Quando grupos específicos (por exemplo: jovens de internatos, mulheres de carreira, altos executivos ou indivíduos sem-teto), são investigados em suas oportunidades e condições biográficas, resultam – ao final da análise teórica – modelos processuais de tipos específicos de cursos de vida, de suas fases, de suas condições e domínios de problemas, ou ainda modelos processuais de fases elementares específicas; módulos gerais de cursos de vida ou das condições constitutivas e da estrutura da formação biográfica como um todo.

Pensando em todas essas etapas da análise proposta por Schütze (2011), acreditamos que a ideia é buscar convergências e divergências nas trajetórias individuais, para identificar trajetórias coletivas. Da singularidade, partimos para a percepção de um coletivo, como destaca Ferrarotti (2010, p. 26): “nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual.”

Weller (2009, p. 10, grifo da autora), ao analisar todas as etapas da proposta de Schütze, assevera:

A análise de narrativas segundo a proposta de Fritz Schütze tem como um de seus principais objetivos a reconstrução de modelos processuais dos cursos de vida (cf. SCHÜTZE, 1981). Em outras palavras: por meio da análise detalhada de entrevistas narrativas, busca-se elaborar modelos teóricos sobre a trajetória biográfica de indivíduos pertencentes a grupos e condições sociais específicas tais como mulheres em cargos executivos, indivíduos sem teto, entre outros. Esse processo é realizado por meio das diferentes etapas acima apresentadas, da verificação, confrontação e diferenciação dos casos até o momento em que se atinge uma “saturação teórica” (cf. RIEMANN, 2003, p. 47).

A reconstrução de modelos processuais dos cursos de vida, a que Weller se refere foi realizada pela análise de eixos resultantes das entrevistas narrativas, os quais sintetizamos no quadro 3, após as etapas descritas nas páginas anteriores, com olhar voltado aos objetivos da pesquisa. A interpretação esteve sustentada pelo referencial teórico adotado, o qual orientou a própria elaboração dos objetivos.

Os eixos são experiências de aprendizagens que, construídas ao longo da vida das professoras que participaram desta investigação, podem ser estendidas aos grupos sociais com os quais elas se identificam. Assim como em outras pesquisas com narrativas autobiográficas em educação, esta também se inscreve na lista daquelas que ampliam e produzem conhecimentos sobre a pessoa em formação, suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, fazer e biografar resistências e pertencimentos. Pelas semelhanças também é possível construir uma história coletiva da profissão docente.

4 | PARA FINALIZAR

O objetivo do presente texto foi apresentar e discutir a EN como dispositivo de produção de dados para a pesquisa qualitativa em Educação, que tem como foco as trajetórias profissionais de professores. A experiência por nós vivenciada possibilita afirmar que este é um caminho teórico e metodológico bastante denso e trabalhoso e, que, em nosso entender, não pode envolver muitos sujeitos, pois a existência de muitos dados acaba por comprometer o próprio processo de análise.

Além disso, compartilhamos com Ferrarotti (2010, p. 45, grifo do autor) a ideia de que, “se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropriação **singular** do **universal social** e histórico que o rodeia, **podemos conhecer** o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual.” Nesse sentido, com a realização de entrevistas narrativas com seis participantes, podemos dizer que reconstruímos contextos da formação profissional de professoras que ensinam matemática na Educação Infantil (MOURA, 2015), possibilitando-nos a produção de conhecimentos, a partir da EN, sobre os modos de constituição identitária das profissionais que atuam nesse segmento de ensino.

Referências

- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).
- BERTAUX, D. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. *La investigación biográfica-narrativa en educación: enfoque y metodología*. Madrid: La Muralia, 2001.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRUNER, J.; WEISSER, S. A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995. p. 141-161.
- DOMINICÉ, P. O processo de formação de alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 83-95. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das histórias de vida).
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 31-57. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das histórias de vida).
- HESS, R. O movimento do diário de pesquisa na educação. *Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 14, p. 61-87, 2009.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 90-113.
- MOURA, J. F. de. *Narrativas de vida de professores da educação infantil na constituição da formação docente: as marcas e as ausências da matemática escolar*. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade São Francisco, Itatiba/SP, 2015.
- SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.
- SOUZA, E. C. de. Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação. In: PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de. *(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 85-101. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação).
- WELLER, W. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise das narrativas segundo Fritz Schütze. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPeD, 32., 2009, Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu, MG: ANPeD, 2009. p. 1-16.